

O acordo Lula/Irã era o correto

Clóvis Rossi

Folha de S.Paulo, 15.10.13

Sabotagem dos EUA ao entendimento de 2010 com Teerã só significou que três anos foram jogados fora

O reinício, hoje, das negociações em torno do programa nuclear iraniano é um bom momento para reavaliar um dos atos mais criticados (injustamente) da diplomacia brasileira no período Luiz Inácio Lula da Silva/Celso Amorim.

Refiro-me ao chamado "Acordo de Teerã" de 2010, entre Brasil, Irã e Turquia.

A reavaliação é importante porque o vice-chanceler iraniano, Abbas Araghchi, acaba de dizer que o seu país se recusa a enviar parte de seu estoque de urânio para o exterior, ao contrário do que reclamam as potências ocidentais que com ele negociam.

Ora, o Acordo de Teerã previa, expressamente, o envio de 1.200 quilos de urânio pobremente enriquecido para enriquecimento no exterior, para ser depois devolvido ao Irã preparado a um nível tal que lhe permitiria o uso para fins medicinais, mas impossibilitaria a utilização para fazer a bomba.

É bom lembrar que foi o presidente Barack Obama quem, em carta a Lula, considerou "fundamental" a menção aos 1.200 quilos, no acordo que o Brasil então começava a costurar.

A lógica desse item é simples de explicar: retirando de seus estoques os 1.200 quilos, o Irã não teria material suficiente para continuar trabalhando na bomba, se essa for a sua real intenção, como suspeita o Ocidente, mas que Teerã nega uma e mil vezes.

Era o tipo do acordo capaz de agradar a todos: o Irã teria urânio enriquecido em quantidade e nível suficientes para programas pacíficos, e o Ocidente teria a certeza de que não daria para fazer a bomba.

Por que os EUA sabotaram o acordo, mal tinha secado a tinta com que fora assinado, é algo que Washington ainda precisa explicar.

Logo depois que a **Folha** revelou o inteiro teor da carta de Obama, mostrando que o acordo Brasil/Turquia/Irã seguia literalmente as pautas desejadas pelos Estados Unidos, o Departamento de Estado apressou-se em convocar uma entrevista coletiva, por telefone, de altos funcionários que não deveriam ser nominalmente identificados.

Particpei da entrevista e ouvi de um deles que os 1.200 quilos eram a quantidade desejável em outubro do ano anterior, quando houve uma nova tentativa de negociações com o Irã. Mas, em maio, quando do Acordo de Teerã, já seria preciso enviar muito mais ao exterior.

Balela: a carta que Obama enviou a Lula era de abril, um mês antes do acordo, e falava dos 1.200 quilos. Ou os funcionários do Departamento de Estado mentiram ou o presidente estava mal informado.

É possível que hoje, três anos e meio depois, de fato os 1.200 quilos sejam insuficientes. Mas o Irã agora recusa-se a enviar o que quer que seja, o que significa que os negociadores do moderado Hasan Rowhani são mais duros do que o radical Mahmoud Ahmadinejad se revelou diante dos colegas Lula e Recep Tayyip Erdogan, o premiê turco.

Significa que não há chance de um acordo? Não necessariamente.

O otimismo entre os analistas é o mais intenso em anos. Mas significa, sim, que três anos foram jogados fora.